

Competência informacional: um olhar para a dimensão estética

Eliane Rodrigues Mota Orelo

Bibliotecária formada em 2009 pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) Mestranda em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Elizete Vieira Vitorino

Professora Doutora do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

A Competência Informacional é uma temática que vem se destacando nos últimos anos, dada a sua relevância para a sociedade. Ser competente em informação significa desenvolver um conjunto de habilidades para o uso eficiente dos recursos informacionais, o aprendizado ao longo da vida e o pensamento crítico. Para ser desenvolvida em plenitude, a Competência Informacional precisa fundar-se em quatro dimensões: Técnica, Estética, Ética e Política, mantendo-se o equilíbrio entre elas. Dá ênfase à Dimensão Estética da Competência Informacional: tema ainda obscuro no que se refere ao seu estudo e aplicação na Ciência da Informação. Essa dimensão é aquela que se relaciona com a sensibilidade, com a criatividade. Sendo assim, relacionar a Estética à Competência Informacional se reflete na construção de uma sociedade equilibrada, generosa e transformadora, pois as ideias estéticas são, em última análise, ideias de liberdade humana, estando aí inclusas as emoções, por meio da imaginação, o que possibilita às pessoas perceber propriedades, como encanto, equilíbrio, harmonia e ritmo. A Dimensão Estética relaciona-se, deste modo, com a construção do conhecimento pela sensibilidade, pelas percepções de mundo e sua relação com a ética, pois contribui de forma significativa para o desenvolvimento dos indivíduos.

Palavras-chave: Competência Informacional; Estética; Dimensões da Competência.

Information literacy: a look at the aesthetic dimension

The Information Literacy is an issue that has been increasing in recent years, given its relevance to society, which uses the information in a significant way in the production of goods and services. Being information literate means developing a set of skills for the efficient use of information resources, the lifelong learning and critical thinking, thus aiming at the conquest of autonomy for the solution of problems, issues and information opportunities. To be fully developed, the Information Literacy needs to be based on four dimensions: Technique, Aesthetics, Ethics and Policy, keeping the balance between them. This work emphasizes the Aesthetic Dimension of the Information Literacy: theme still unclear with regard to its study and application in Information Science. This dimension is that which relates to the sensitivity and creativity. So relate the aesthetic to the Information Literacy is reflected in building a balanced society, generous and transformative, since the aesthetic ideas are ultimately ideas of human liberty, there being included emotions through the imagination, which enables people to find properties as charming, balance, harmony and rhythm. The Aesthetic Dimension relates thus to the construction of knowledge by the sensitivity, the perceptions of the world and its relation to ethics, it contributes significantly to the development of individuals, preparing them for exercising citizenship.

Keywords: *Information Literacy; Aesthetics; Dimensions of Competence.*

Recebido em 03.10.2012 Aceito em 10.12.2012

1 Introdução

Em uma sociedade caracterizada por constantes e significativas transformações, na qual os fluxos informacionais acontecem de forma surpreendentemente rápida, torna-se importante desenvolver, nos indivíduos, habilidades para o uso dos mais variados recursos informacionais. Nesta sociedade, denominada Sociedade da Informação e do Conhecimento, está a Ciência da Informação (CI), que se ocupa em

estudar, buscar soluções para os problemas em torno da informação¹ (organização, disponibilização e recuperação). A Competência Informacional emana, então, como uma temática de estudos disciplinar que, ao ser desenvolvida nos indivíduos (usuários e profissionais), proporciona o uso eficiente dos recursos informacionais e vem despertando interesse dos pesquisadores mundo afora.

O objetivo deste trabalho consiste em um levantamento conceitual sobre Competência Informacional e sobre Estética, no intuito de apresentar as definições e reflexões encontradas na literatura para as temáticas, relacionando-as e possibilitando uma compreensão sobre a Dimensão Estética da Competência Informacional e suas contribuições para a Sociedade da Informação. Tem, ainda, o propósito de dar subsídio ao desenvolvimento de uma dissertação de mestrado, em andamento no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCIN), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na linha de pesquisa Profissionais da Informação.

Observa-se que estudos sobre Competência Informacional (*Information Literacy*) são ainda recentes, tendo surgido inicialmente nos EUA, na década de 1970 e, em termos de "solo brasileiro", os estudos sobre o tema aparecem na primeira década do Século XXI². Por se tratar de uma temática ainda jovem, não há um consenso entre os pesquisadores sobre a tradução exata para a expressão *Information Literacy* e, por conta disso, identificam-se várias traduções para o termo, como: *alfabetização informacional, letramento informacional, competência informacional e competência em informação* (HATSCHBACH, 2002; CAMPELLO, 2003; DUDZIAK, 2003, 2010; VITORINO; PIANTOLA, 2009). Neste trabalho, adotou-se a tradução Competência Informacional, por entender-se que este termo é mais adequado ao desenvolvimento de habilidades para o uso dos recursos informacionais, bem como do pensamento crítico e do aprendizado contínuo. Dudziak (2010) entende que a adoção do termo alfabetização informacional é mais adequado a trabalhos que abordam temas relacionados às fases iniciais da educação, já o termo letramento informacional parece remeter ao universo das palavras e das terminologias. Entende-se, portanto, que a tradução Competência Informacional expressa, de forma mais apropriada, as pesquisas que abordam a competência no sentido da aprendizagem para a vida e o domínio dos recursos informacionais.

Esta pesquisa possui caráter qualitativo (MINAYO, 2010; FLICK, 2004) e exploratório, tendo em vista que a relação entre Competência Informacional e Estética configura-se em uma abordagem aparentemente ainda não estudada no âmbito da CI, o que reforça a necessidade de um estudo mais detalhado sobre a dimensão da competência. Considerando-se esse fato, pode-se, ainda, entender que este estudo visa entender um

¹ A Informação, aqui, é entendida como estruturas significantes, potencialmente geradoras de conhecimentos. (BARRETO, 1994).

² Para se ter uma ideia da "juventude" da temática no Brasil, no ano de 2011, foi publicada a "Declaração de Maceió", a qual reconhece a necessidade do desenvolvimento da Competência Informacional, de forma a atender as demandas informacionais da sociedade. E convoca a sociedade e as instituições envolvidas para se engajarem nessa missão (FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, ago. 2011)

tema ainda novo, contribuindo, desta forma, para a formação e consolidação da literatura nacional sobre Competência Informacional. Braga (2007) destaca que a pesquisa do tipo exploratória tem por objetivo estudar problemas ou hipóteses pouco exploradas, ou seja, que ainda carece de maiores aprofundamentos. Segundo a autora, a metodologia de levantamento bibliográfico é, dentre outros métodos, adequada para pesquisa exploratória.

Para o levantamento bibliográfico, que subsidiou este trabalho, foram utilizadas as bases de dados disponibilizadas via Portal Capes: *Web of Science; Lisa; Scopus; Ebsco; Scielo* e as Revistas Científicas nacionais de Biblioteconomia e CI. Foram contemplados artigos em língua inglesa, espanhola e portuguesa. As palavras-chave utilizadas nas buscas para o assunto "Competência Informacional" foram as seguintes (esses termos emergiram nas leituras preliminares realizadas na fase inicial da pesquisa para a compreensão das temáticas em estudo): *Information Literacy; Information Skill; Information Literate; Competence in Information; Information Competence; Lifelong Learning; Alfabetización Informacional, Alfabetización em Informação; Competência Informacional; Competência em Informação; Alfabetização Informacional; Letramento Informacional; e Educação para a Vida*. Os termos utilizados no levantamento para o assunto "Estética" foram: *Aesthetics; Aesthetics and Philosophy; Philosophy and Aesthetics; Contemporary Aesthetics; Aesthetics Theory; Theory Sensitivity; Aesthetics and Ethics; Aesthetics Kantian; Aesthetics and Hegel; Aesthetics and Sensitivity; Aesthetics and Metaphysical; Aesthetics and Generosity; Aesthetics and Imagination; Aesthetics and Invention; Aesthetics and Creativity; Aesthetics and Education; Aesthetics Thought; Aesthetics Knowledge; Information and Aesthetics; Information Literacy and Aesthetics; Principles Aesthetics; Sensitivity Knowledge by; e Sensitive Knowledge*.

O levantamento, nas bases de dados, resultou, após a eliminação das redundâncias, em um montante de aproximadamente 300 artigos e, tendo em vista a amplitude dos dados, foi parcialmente utilizado neste trabalho e servirá, ainda, para dar embasamento teórico e conceitual para a dissertação já referida. O acesso a outras fontes de informação deu-se por meio do acervo de bibliotecas universitárias, em especial a Biblioteca Universitária da UFSC, bem como a pesquisa em livrarias e sebos, estes últimos, principalmente, no tocante ao estudo da Estética. Consideraram-se, ainda, as referências citadas nessas fontes, as quais possibilitarão, no decorrer da pesquisa em andamento, consistência ao referencial conceitual, à medida que possibilita contemplar diferentes pontos de vista sobre os temas em estudo.

2 O Fenômeno informacional

Com o advento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) - iniciado em meados do século XX, houve um crescimento exponencial da produção e do uso da informação, que resultou em um fenômeno de proporções assustadoras: a explosão da informação. Essa questão foi

pensada e analisada inicialmente pelo Dr. Vannevar Bush, em seu artigo *As we may think* publicado em 1939, no qual destaca sua preocupação com os problemas relacionados à informação e as dificuldades em organizar e disponibilizar as informações à sociedade no período pós-guerra (BARRETO, 2002).

Esse fenômeno produziu, como resultado, outro fenômeno de igual intensidade: a “Sociedade da Informação e do Conhecimento”. Segundo Takahashi (2000), a *Sociedade da Informação* não é um modismo, mas um fenômeno com capacidade de afetar e transformar as atividades sociais e econômicas. Já para Assmann (2000, p. 9), “a mera disponibilização crescente da informação não basta para caracterizar uma sociedade da informação.” Ele defende que o mais importante é a consolidação de uma cultura de aprendizagem contínua, que proporcione aos indivíduos o prazer pelo conhecimento e, conseqüentemente, em uma evolução cognitiva e um bem estar social.

Por um lado, a *explosão da informação*, contribui para o rápido desenvolvimento científico e tecnológico e, por outro, o grande volume de informações produzidas, muitas vezes disponibilizadas de forma ‘leviana’, gera um caos informacional: a informação nem sempre está acessível à população ou, ainda, as fontes não são confiáveis. Conforme destaca Dudziak (2003, p. 23), muitas barreiras surgem, dificultando o acesso à informação, por exemplo: “o número ilimitado de fontes e o desconhecimento de certos mecanismos de filtragem, organização e mesmo de apropriação da informação”. Pode-se incluir, ainda, que o acesso aos equipamentos e às tecnologias de informação e comunicação, embora se encontrem em fase de expansão, atingem uma parcela pequena da população (TAKAHASHI, 2000; WOLTON, 2004). É nesse ambiente onde se evidencia a importância da Competência Informacional, que ao ser estudada e desenvolvida, visa habilitar os indivíduos para o uso eficiente dos recursos informacionais.

Em um primeiro momento, pode-se observar que os programas de treinamento de usuários, oferecidos pelas bibliotecas, têm essa função. Mas não se trata somente disso: aqueles que estudam a Competência Informacional e se preocupam em desenvolvê-la em si e no outro, estão preocupados com os aspectos cognitivos de apropriação da informação. Percebe-se, inclusive, outro “fenômeno” – chamado por muitos de um “movimento em prol da Competência Informacional”. Mais complexa, a Competência Informacional, quando desenvolvida adequadamente, além de capacitar os indivíduos (usuários de bibliotecas, profissionais, crianças, jovens, adultos e outros grupos) para utilização dos recursos informacionais, promove o interesse pela aprendizagem contínua e pode favorecer a evolução cognitiva, a curiosidade e a investigação criadora e pode contribuir, ainda, para uma “navegação” mais equilibrada no complexo fenômeno informacional.

Isso explica o crescimento de estudos preocupados com a Competência Informacional dos indivíduos.

3 Competência informacional

A Competência Informacional é, na sociedade contemporânea, um requisito necessário para o desenvolvimento humano. Vive-se, hoje, em um ambiente onde a informação é componente básico no processo de evolução econômica e social. Para que o indivíduo possa viver em uma sociedade culturalmente capitalista, mantendo o equilíbrio necessário para viver com serenidade, ele precisa desenvolver habilidades informacionais, comportamentais e atitudes que lhe possibilitem adquirir conhecimentos necessários para o seu desenvolvimento pessoal, profissional, cultural e social. Estando o indivíduo inserido em um ambiente favorável, no qual há uma preocupação com a educação, o desenvolvimento dessas habilidades torna-se possível e, por meio delas, a Competência Informacional acontece.

A expressão *Information Literacy* (traduzida aqui por Competência Informacional) surgiu na década de 1970, nos Estados Unidos da América (EUA), em um relatório elaborado pelo bibliotecário norte americano Paul Zurkowski³. Nesse documento, Zurkowski sugeriu ao governo norte-americano que se iniciasse um movimento em direção a *Information Literacy*, visando à aplicação de recursos informacionais no cotidiano dos cidadãos, o que possibilitaria a resolução de problemas no ambiente de trabalho, bem como a garantia de um mercado para as indústrias da informação (CAMPELLO, 2003; DUDZIAK, 2003). Desde então, o termo passou a ser utilizado em referência ao uso eficiente e eficaz dos recursos informacionais. É válido observar que este termo surge em um país de “primeiro mundo”, em uma época em que a chamada “explosão informacional” vinha ganhando destaque na sociedade desde a década de 50, com Bush. A preocupação daquele país em preparar os cidadãos para o uso eficiente dos recursos informacionais tornou-se visível já em meados do século passado, e entende-se que este foi um dos fatores que contribuiu para o crescimento do interesse pela temática.

Embora, inicialmente, o termo tenha sido cunhado sob uma visão mercadológica, segundo Campello (2003), ainda na década de 1970, a Competência Informacional aparece sob uma perspectiva social, vinculada à cidadania. A importância da Competência Informacional no processo de emancipação econômica e social, bem como para formação do pensamento crítico, é expressada por Organizações Internacionais como a *International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA)*, a qual, no documento “Os faróis da Sociedade da Informação – Declaração de Alexandria”, afirma que a...

[...] Competência Informacional está no cerne do aprendizado ao longo da vida. Ele capacita as pessoas em todos os caminhos da vida para buscar, avaliar, usar e criar a informação de forma efetiva para atingir suas metas pessoais, sociais, ocupacionais e educacionais. É um direito humano

³ Na época, Zurkowsky ocupava o cargo de presidente da *Information Industry Association*.

básico em um mundo digital e promove a inclusão social em todas as nações (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS, 2005, grifo nosso).

O “aprender a aprender”, pode-se dizer, é a essência para o desenvolvimento humano e permite que o cidadão adquira habilidades cognitivas, comece a pensar criticamente, o que, por sua vez, é fundamental para o exercício da cidadania.

Observa-se que o conceito, acima apresentado, bem como o conceito para Competência Informacional elaborado pela *American Library Association* (ALA)⁴, já se tornaram clássicos e reforçam as habilidades para reconhecer uma necessidade de informação, localizar, avaliar e usar efetivamente a informação, para que outros também possam se tornar competentes em informação. Sob este olhar, Johnston e Webber (2006) defendem que a Competência Informacional surge, na sociedade da informação, como uma disciplina flexível, reflexiva e essencial, constituindo um processo contínuo na formação das pessoas. É a adoção de um comportamento informacional adequado, que possibilite a identificação da informação necessária, independente do canal ou meio em que se encontrem, bem como seu uso ético e prudente.

Para Singh (2008) a Competência Informacional, ao ser desenvolvida, permite, também, que as habilidades de construção de significados ou sentidos cognitivos se instalem no indivíduo. Porém, o autor destaca que esse processo envolve vários elementos e que as questões culturais e as desigualdades sócio-econômicas devem receber atenção, já que interferem, de forma significativa, neste processo, ou seja, pode-se afirmar que o ambiente, o contexto social e econômico em que o indivíduo se encontra interfere na qualidade do processo de desenvolvimento da Competência Informacional.

A Competência Informacional possui como elemento essencial a *educação para toda a vida*, ou seja, está intimamente vinculada à educação. Para Delors (1996, p. 106), a educação ao longo da vida implica em uma construção contínua do indivíduo, de seus saberes e aptidões, bem como de sua capacidade de discernimento e de ação. E completa o raciocínio, afirmando que é a educação ao longo da vida que conduz ao entendimento de si próprio e do ambiente que o envolve e ao desempenho de seu papel social na esfera profissional ou comunitária.

Pode-se observar que, nas definições para a Competência Informacional, tem-se presente a preocupação em habilitar o indivíduo para o uso eficiente dos recursos informacionais, mais do que habilidades informacionais de caráter “técnico” (identificar e recuperar a informação), observa-se a preocupação com as questões cognitivas, aquelas

⁴ Para ser competente em informação, a pessoa deve ser capaz de reconhecer quando precisa de informação e possuir habilidade para localizar, avaliar e usar efetivamente a informação. Para produzir esse tipo de cidadania, é necessário que escolas e faculdades compreendam o conceito de competência informacional e o integrem em seus programas de ensino [...]. Em última análise, pessoas que têm competência informacional são aquelas que aprenderam a aprender. Essas pessoas sabem como aprender porque sabem como a informação está organizada, como encontrar informação e como usar informação, de tal forma que outros possam aprender com elas. (AMERICAN LIBRARY..., 1989, p. 1)

relacionadas à compreensão da informação acessada, ou seja, o desenvolvimento do pensamento crítico, da imaginação, da criatividade, da reflexão.

Esta não é uma tarefa fácil e, conforme indica Ward (2006), mais do que desenvolver as habilidades 'técnicas' relativas ao acesso à informação, é necessário, também, que se desenvolvam as habilidades cognitivas, relativas às experiências individuais. Para esse autor, a Competência Informacional abrange um domínio de conhecimento relativo ao pensamento crítico sobre as informações, mas, também, inclui a imaginação, a criação de informações, as experiências individuais e a apreciação desse reservatório de significados e vida interior.

Identifica-se na fala de Ward (2006), as características da Dimensão Estética da Competência Informacional. A dimensão Estética⁵ é a dimensão que proporciona o desenvolvimento da sensibilidade humana, da criatividade e do pensamento crítico e reflexivo.

3.1 Competência informacional no Brasil

A Competência Informacional no Brasil surge no início da década de 2000. Segundo Dudziak (2003), começou a ser estudada por bibliotecários que visavam desenvolver atividades voltadas para a educação dos usuários das bibliotecas.

No entanto, a educação de usuários de bibliotecas é uma atividade direcionada à capacitação para o uso dos sistemas de bibliotecas, enquanto a Competência Informacional vai além, preparando o indivíduo para o aprendizado ao longo da vida. Neste sentido, Campello (2003) destaca que o primeiro estudo brasileiro em que o termo Competência Informacional aparece foi o de Caregnato. Neste trabalho, a autora traduz *Information Literacy* como Alfabetização Informacional e aponta o papel das bibliotecas universitárias no processo de educação dos usuários, como uma forma de desenvolver as habilidades informacionais dos alunos, considerando a crescente disponibilização de informações digitais em rede (CAREGNATO, 2000).

Pode-se observar que as discussões sobre Competência Informacional são ainda recentes no Brasil e datam de pouco mais de dez anos. Por isso, suscita discussões acerca do tema, bem como demonstra a necessidade de novos estudos para consolidação de um corpus teórico e conceitual que possibilite um melhor entendimento de suas contribuições e de seus impactos na sociedade brasileira.

Um dos principais conceitos de Competência Informacional elaborados, no Brasil, é apresentado por Dudziak (2003, p. 28), para quem a expressão pode ser definida como:

[...][um] processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades necessário à compreensão e interação permanente com o universo

⁵ Será discutida em outra seção deste trabalho.

informacional e sua dinâmica, de modo a proporcionar um aprendizado ao longo da vida.

Para a autora, a Competência Informacional é formada por um conjunto de componentes: “o processo investigativo; o aprendizado ativo; o aprendizado independente; o pensamento crítico; o aprender a aprender e; o aprendizado ao longo da vida”. Dudziak (2001, p. 146) apresenta ainda três características essenciais da Competência Informacional:

É transdisciplinar, incorporando um conjunto integrado de habilidades, conhecimentos, valores pessoais e sociais; é um processo de aprendizado contínuo que envolve informação, conhecimento e inteligência; permeia qualquer processo de criação, resolução de problemas e/ou tomada de decisões.

É evidente a importância da Competência Informacional para o desenvolvimento humano, pois abarca o processo informacional, que se inicia com a identificação da necessidade de determinada informação até sua utilização, considerando, ainda, as características intelectuais envolvidas, tais como: interpretação, atribuição de significados, geração de novos conhecimentos e aprendizado independente por toda a vida. Outra característica da Competência Informacional é que o indivíduo competente em informação, que aprendeu a aprender, consegue utilizar esses recursos de tal forma que possibilita que os outros a sua volta aprendam com ele, revelando, assim, a solidariedade⁶ entre os sujeitos no compartilhamento de suas experiências.

A Competência, segundo Rios (2002), compreende quatro dimensões: Técnica, Estética, Política e Ética⁷. De forma sucinta, pode-se dizer que a *Dimensão Técnica* diz respeito às técnicas profissionais, é o saber fazer. A *Dimensão Estética* compreende os aspectos cognitivos, como imaginação, criatividade, sensibilidade, é o conhecimento sensitivo. Na *Dimensão Política* é o espaço onde se estabelecem as leis que regem o fazer profissional. Já a *Dimensão Ética* é aquela que determina o que posso ou não fazer considerando os valores sociais, ela dá sustentação às demais dimensões (RIOS, 2002; FARIAS; VITORINO, 2009). A Dimensão Estética da Competência Informacional será abordada no tópico a seguir.

4 A Dimensão estética da competência informacional

Para que experiências estéticas ocorram, é necessário ter “gosto” [pela informação] – a referida sensibilidade especial.

(adaptado de SIBLEY, 1959 apud EATON, 2008, p. 97)

⁶ Solidariedade, aqui, é entendida como: “Sentido moral que vincula o indivíduo à vida, aos interesses dum grupo social, dum país, ou da humanidade” (FERREIRA, 2008, p. 747).

⁷ Rios (2002) entende que a Competência para a formação Docente, pode ser desenvolvida em quatro dimensões: Técnica; Estética; Política e Ética. Neste trabalho, as colocações desta autora são consideradas adequadas, também, ao desenvolvimento da Competência Informacional.

A Estética pode receber diferentes significados, segundo o contexto ou disciplina em que for estudada. Neste trabalho, a Estética é abordada com base nos fundamentos da Filosofia. Assim sendo, busca-se compreender de que modo a Estética vincula-se ao desenvolvimento cognitivo, da criatividade, da imaginação, da solidariedade e da sensibilidade dos indivíduos.

O termo "Estética", segundo apontam alguns autores (ABBAGNANO, 2007; REICHER, 2009; HERWITZ, 2010), surgiu pela primeira vez por volta de 1750, introduzido por Alexander Gottlieb Baumgarten, em sua obra "Aesthetica", como uma disciplina filosófica. Para Baumgarten (1993, p. 95), "a Estética (como teoria das artes liberais, como gnoseologia inferior, como arte de pensar de modo belo, como arte do análogo da razão) é a ciência do conhecimento sensitivo." Nesta obra, o filósofo defende que a aplicação da Estética como um conhecimento sensitivo pode ser engrandecido se:

- 1 - Preparar, sobretudo pela percepção, um material convincente às ciências do conhecimento;
- 2 - adaptar cientificamente os conhecimentos à capacidade de compreensão de qualquer pessoa;
- 3 - estender a aprimoração do conhecimento além ainda dos limites daquilo que conhecemos distintamente;
- 4 - fornecer os princípios adequados para todos os estudos contemplativos espirituais e para as artes liberais;
- 5 - na vida comum, superar a todos na meditação sobre as coisas, ainda que as demais hipóteses sejam semelhantes (BAUMGARTEN, 1993, p. 95).

Pode-se observar que a Estética, na definição de Baumgarten, é aquela que busca estimular no indivíduo o pensamento crítico, a compreensão das coisas, por meio de um olhar sensível, criativo. Entende-se, à luz da compreensão do autor, que a Estética pode contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade mais solidária, à medida que busca compreender as coisas, os problemas de forma mais humana, sensível, o que, por vezes, pode ser esquecido diante de ações extremamente tecnicistas e racionalistas.

Guyer (2008, p. 29), por sua vez, destaca que "a ideia central que emerge da estética do século dezoito é a da liberdade da imaginação" e afirma que foi este olhar para a estética que possibilitou o desenvolvimento da teoria estética no período.

A abordagem da Estética, na Filosofia, passa necessariamente por Immanuel Kant (1724-1804), filósofo Alemão, que foi um dos precursores da teoria estética. Dentre suas obras, destacam-se: *Crítica da razão pura*; *Crítica da razão prática* e *Crítica da Faculdade de Julgar*. Nessa última, Kant faz reflexões acerca da Estética, do juízo do gosto e do conhecimento sensitivo. Em seus "Escritos pré-críticos", Kant (2005) faz uma distinção geral entre o sensível e o inteligível. Em seu entendimento, ao conhecimento sensível é pertinente a *matéria*, que é a sensação, e em

razão da qual o conhecimento é chamado de conhecimento dos sentidos; e a *forma*, por meio da qual, mesmo sem nenhuma sensação, as representações denominam-se sensitivas. Já para o conhecimento intelectual, o uso do entendimento, ou seja, da faculdade superior da alma acontece de forma dupla: ou pelos conceitos das coisas, que é o uso real; ou pela comparação segundo o princípio de contradição, que é a lógica. No entendimento de Hessen (2003), em Kant, a filosofia assume uma postura de autorreflexão, ou seja, é a busca do autoconhecimento por meio da reflexão de si e do espírito. Observa-se, então, que a Estética possui essa característica de sensibilidade, pois, entende-se que a autorreflexão e o autoconhecimento só são possíveis por meio de um olhar sensível para si, buscando compreender os próprios valores e comportamentos e como estes se refletem no convívio social.

Esse entendimento vai ao encontro do que diz Coelho Neto (1973, p. 9): ao estudar a teoria da informação estética, destaca que “a palavra *estética* possui uma significação idêntica à de sua matriz grega: o conhecimento pelo sensível, o conhecimento intuitivo [...]”. No seu entendimento, “a Estética é uma disciplina do conhecimento que se organiza “desorganizadamente” [...], a partir da experiência do sensível – e as possibilidades do sensível extravazam em muito os limites estreitos de qualquer ciência” (COELHO NETO, 1973, p. 68). Também Dufrenne (2008, p. 90) expressa esse entendimento, ao afirmar que “ninguém põe em dúvida que a experiência estética diga respeito primariamente à sensibilidade”.

A sensibilidade, a imaginação e a criatividade são características intrínsecas dos seres humanos. Para Farias e Vitorino (2009, p. 7), “[...] é a dimensão da existência, do agir humano”. Portanto, a experiência Estética diz respeito ao desenvolvimento intelectual em sua totalidade, que engloba a racionalidade humana vinculada à sensibilidade: é, ainda, a percepção do mundo por meio do aprendizado sensitivo. Para Herwitz (2010, p. 29), a estética diz respeito às experiências individuais, e destaca:

[...] essa faculdade de cognição pela qual a experiência sensível da beleza é formada é mais do que mera percepção, pois ela é também uma faculdade formadora, uma faculdade imaginativa, uma faculdade que tem total discernimento (*cognizance*) de seu objeto.

Portanto, se o homem é um ser social, que vive em comunidade e todas as experiências vividas se dão no contato com o outro, entende-se que a Estética está relacionada, também, à sensibilidade social, ou seja, se reflete na cidadania, na solidariedade, na generosidade e no bem estar do indivíduo e do coletivo.

Assim, a definição para a Dimensão Estética da Competência Informacional, que mais se aproxima aos propósitos deste trabalho, é a elaborada por Baumgarten, como “a ciência do conhecimento sensitivo”,

que vai ao encontro do pensamento kantiano, o qual reconhece nos valores estéticos o pensamento crítico e a autorreflexão. Para Baumgarten (1750 *apud* GUYER, 2008, p. 55), a cognição sensível é também composta, pois há uma complexidade na sensibilidade, que se concretiza por meio da sua forma (o resultado da atividade criadora), do conteúdo e do material ou meio de expressão. Kant deixa claro, em sua “doutrina das ideias estéticas” (1790 *apud* GUYER, 2008, p. 59), que a “imaginação artística e a sensibilidade estética podem jogar livremente com o conteúdo e com a forma”, e, portanto, os conteúdos das ideias estéticas são, em última análise, ideias de liberdade humana, estando, aí, inclusas as emoções por meio da imaginação, o que possibilita às pessoas perceber propriedades como encanto, equilíbrio, harmonia e ritmo.

A Dimensão Estética relaciona-se, deste modo, com a construção do conhecimento pela sensibilidade, pelas percepções de mundo e sua relação com a ética, pois contribui de forma significativa para o desenvolvimento dos indivíduos, preparando-os para exercerem a cidadania com responsabilidade e criticidade. Também contribui para o desenvolvimento social e para consolidação da democracia. Segundo Dudziak (2011, p. 180), exercer a cidadania “significa exercer o autoconhecimento voltado para a mudança e aperfeiçoamento social que busca valores como a solidariedade, o respeito à individualidade, liberdade e comprometimento consigo mesmo e com o grupo”.

Inferre-se, portanto, que a Dimensão Estética da Competência Informacional pressupõe uma atenção especial para os elementos intrínsecos ao ser humano, por meio de experiências individuais, vividas na coletividade, que podem resultar em maior sensibilidade para com o outro e criatividade no fazer profissional. Em suma, isso significa que ao desenvolver esta dimensão da competência, as demais dimensões – técnica, ética e política – também precisam se fazer presentes, para que o indivíduo considere o eu e o outro e se volte para as questões sociais, como, por exemplo, a solidariedade.

4 Considerações finais

O desenrolar dos séculos trouxe enormes mudanças para a sociedade: fluxo informacional aumentando de forma vertiginosa e transformando-se em insumo de desenvolvimento econômico e social. Mas, ao que parece, ainda permanece o desequilíbrio no desenvolvimento das competências para o fenômeno informacional. Ainda que a técnica seja ensinada, falta à formação profissional maior atenção às dimensões estética, ética e política, deliberando para uma conseqüente “ansiedade informacional”.

Quanto à Dimensão Estética – foco deste trabalho – ao desenvolvê-la em equilíbrio com as demais dimensões da Competência Informacional, conduz ao que Vázquez (2002, p. 54) denomina de “princípio criador”. Para o autor, o trabalho “criativamente concebido” ou a “criatividade da práxis propriamente política”, é aquela que se orienta para a

transformação da realidade social, estando aí presente a sensibilidade, necessária à mudança.

Proporcionar aos indivíduos a oportunidade de tornarem-se competentes em informação é essencial na atual sociedade e, ao desenvolver a Dimensão Estética da Competência Informacional, instiga-se no indivíduo o desejo pelo aprendizado contínuo, priorizando nesse conjunto os elementos essencialmente humanos, como a sensibilidade, a cognição, a criatividade, a imaginação, o pensamento crítico, a autorreflexão. Portanto, entende-se que desenvolver a Dimensão Estética da Competência proporciona aos indivíduos uma relação de solidariedade em que a criatividade e a sensibilidade podem transformar-se em ação e responsabilidade social.

Neste sentido, conforme indicação da ALA (1989), compreender e incorporar a Competência Informacional nos programas de ensino constitui-se fator essencial para formação dos indivíduos e, conseqüentemente, para construção de uma sociedade mais justa e homogênea.

Referências

ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. 5. ed. revista e ampliada. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION (ALA). *Presidential Committee on Information Literacy: final report*. Chicago, 1989. Disponível em: <<http://www.ala.org/ala/mgrps/divs/acrl/publications/whitepapers/presidential.cfm>>. Acesso em: 14 maio 2001.

ASSMANN, H. A metamorfose do aprender na sociedade da informação. *Ci. Inf., Brasília*, v. 29, n. 2, p. 7-15, maio/ago. 2000. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/247/215>>. Acesso em: 9 nov. 2011.

BARRETO, A. A. A questão da informação. *São Paulo em Perspectiva: Revista da Fundação SEADE*, São Paulo, v. 8, n. 4, p. 3-8, out./dez. 1994. Disponível em: <http://www.seade.gov.br/produtos/spp/v08n04/v08n04_01.pdf>. Acesso em: 29 set. 2011.

BARRETO, A. A. A condição da informação. *São Paulo em Perspectiva: Revista da Fundação SEADE*, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 67-74, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v16n3/13563.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2012.

BAUMGARTEN, A. G. *Estética: a lógica da arte e do poema*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993. (Coletânea de textos extraídas da edição de Johann Christian Kleyb de 1750).

BRAGA, K. S. Aspectos relevantes para a seleção de metodologia adequada à pesquisa social em Ciência da Informação. In: MULLER, S. P. M. (Org.). *Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação*. Brasília: Thesaurus, 2007. p. 17-38.

CAMPELLO, B. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 32, n. 3, p. 28-37, set./dez. 2003. Disponível em: <http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/sbu_rci/article/view/502/pdf_8>.

Acesso em: 20 mar. 2011.

CAREGNATO, S. E. O desenvolvimento de habilidades informacionais: o papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital e em rede. *Revista de Biblioteconomia & Comunicação*, Porto Alegre, v. 8, p. 47-55, jan./dez. 2000. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/bitstream/10760/11663/1/artigoRBC.pdf>>. Acesso em: 31 ago. 2011.

COELHO NETO, J. T. *Introdução à teoria da informação estética*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.

DELORS, J. *Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI*. São Paulo: Cortez, 1996.

DUDZIAK, E. A. *Information literacy e o papel educacional das bibliotecas*. São Paulo: USP, 2001. (Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 2001).

DUDZIAK, E. A. Information literacy: princípios, filosofia e prática. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 32, n. 1, p. 23-35, p. 2003. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/123/104>>. Acesso em: 31 ago. 2011.

DUDZIAK, E. A. Competência informacional: análise evolucionária das tendências da pesquisa e produtividade científica em âmbito mundial. *Inf. Inf.*, Londrina, v. 15, n. 2, p. 1-22, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/7045/6994>>.

Acesso em: 31 ago. 2011.

DUDZIAK, E. A. Em busca pedagogia da emancipação na educação para a competência em informação sustentável. *Rev. Dig. Bibl. Ci. Inf.*, Campinas, v. 9, n. 1, p. 166-183, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/sbu_rci/article/view/502/pdf_8>.

Acesso em: 31 ago. 2011.

DUFRENNE, M. *Estética e filosofia*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

EATON, M. M. Arte e o estético. In: KIVY, P. *Estética: fundamentos e questões de filosofia da arte*. São Paulo: Paulus, 2008. cap. 3, p. 85-102. (Coleção Filosofia).

FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. *Declaração de Maceió sobre a Competência em Informação*. Alagoas, ago. 2011. Disponível em: <<http://www.cfb.org.br/UserFiles/File/Declaracao%20de%20Maceio%20sobre%20Competencia%20em%20Informacao.pdf>>. Acesso em: 29 maio 2012.

FARIAS, C. M.; VITORINO, E. V. Competência informacional e dimensões da competência do bibliotecário escolar. *Perspectiva em Ciência da*

Informação, v. 14, n. 2, p. 2-16, maio/ago. 2009. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/699/575>>. Acesso em: 20 mar. 2011.

FERREIRA, A. B. de H. *Miniaurélío*: o dicionário da língua portuguesa. 7. ed. Curitiba: Positivo, 2008.

FLICK, U. *Uma introdução a pesquisa qualitativa*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GUYER, P. As origens da estética moderna:1711-1735. In: KIVY, P. *Estética*: fundamentos e questões de filosofia da arte. São Paulo: Paulus, 2008. cap. 1, p. 29-61. (Coleção Filosofia).

HATSCHBACH, M. H. de L. *Information literacy*: aspectos conceituais e iniciativas em ambiente digital para o estudante de nível superior. 2002. 109 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – UFRJ/ECO-MCT/IBICT, Rio de Janeiro, 2002.

HERWITZ, D. *Estética*: conceitos-chave em filosofia. Porto Alegre: Artmed, 2010.

HESSSEN, J. *Teoria do conhecimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. Faróis da sociedade de informação: Declaração de Alexandria sobre competência informacional e aprendizado ao longo da vida. Versão em português do documento Beacons of the Information Society, Alexandria: IFLA Publicações, 2005. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/III/wsis/BeaconInfSoc-pt.html>>. Acesso em: 12 ago. 2011.

JOHNSTON, B.; WEBBER, S. As we may think: information literacy as a discipline for the information age. *Research Strategies*, v. 20, n. 3, p. 108-121, 2006. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0734331006000097>>. Acesso em: 31maio 2011.

KANT, I. *Escritos pré-críticos*. São Paulo: Unesp, 2005.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). *Pesquisa social*: teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

REICHER, M. E. *Introdução à estética filosófica*. São Paulo: Loyola, 2009.

RIOS, T. A. *Compreender e ensinar*: por uma docência da melhor qualidade. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SINGH, J. Sense-making: information literacy for lifelong learning and information management. *Journal of Library and Information Technology*, v. 28, n. 2, p. 13-17, mar. 2008. Disponível em: <<http://publications.drdo.gov.in/ojs/index.php/djlit/article/viewFile/161/74>>. Acesso em: 31 maio 2011.

TAKAHASHI, T. (Org.). *Sociedade da informação no Brasil*: Livro Verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

VÁZQUEZ, A. S. *Filosofia e circunstâncias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

VITORINO, E. V.; PIANTOLA, D. Competência informacional: bases históricas e conceituais: construindo significados. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 38, n. 3, p. 130-141, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/1745/1343>>. Acesso em: 20 mar. 2011.

WARD, D. Revisioning information literacy for lifelong meaning. *The Journal of Academic Librarianship*, v. 32, n. 4, p. 396-402, 2006. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science?_ob=MIImg&_imagekey=B6W50-4K66F25-4-1&_cdi=6556&_user=687353&_pii=S0099133306000619&_origin=search&_zone=rslt_list_item&_coverDate=07%2F31%2F2006&_sk=999679995&_wchp=dGLbVtb-zSkzk&_md5=00d26be471b3b7240f6dc71b7b58ecae&_ie=/sdarticle.pdf>. Acesso em: 31 maio 2011.

WOLTON, D. Pensar a Internet. In: MARTINS, F. M.; SILVA, J. M. da (Org.). *A genealogia do virtual: comunicação, cultura e tecnologia do imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 149-156.